O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

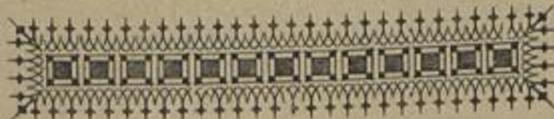
22.º Anno — XXII Volume — N.º 738

30 DE JUNHO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ultimo dia do mez dos santos, o grande mez dos rapazes e dos empregados publicos!

Nove cruzinhas, nem menos, alegraram durante o mez aquella pagina do almanack!

Não faltaram fogueiras, bombas, foguetes, descantes, pelo Santo Antonio, pelo S. João, pelo S. Pedro, os santos mais alegres do kalendario, nem faltaram trovas novas cantando olhos bonitos!

Tempo alegre, tempo para os rapazes, que teem as ferias ás portas! Fechou o lyceu, vão fechar, não tarda, as escolas superiores. Vai haver alegria n'essas casas, para onde trazem um pedaço de sol os latinistas e os chimicos.

Depois de uns dias excepcionalmente frescos, o calor apertou novamente. Assim devia ser, que o verão tem de cumprir seu officio e estamos nos maiores dias do anno.

A companhia real dos caminhos de ferro já publicou os novos horarios, e muito mais de cem comboios por dia partem d'essas differentes estações de Lisboa para Cintra, Algés, Cascaes, Villa Franca, etc.

O sol é limpo de nuvens e sobre a cidade cai uma chuva d'oiro em brasa, que faisca nas cumieiras dos telhados, na mica das calçadas, nos marmores das lojas ricas, nos vidros das claraboias, na giga de ameixas que aquella pequena leva á cabeça. Os passaros emmudecem nos arvoredos immoveis. O Tejo parece um grande lago de prata fundida. Treme o azul, onde até á tarde, uma só andorinha não passa.

O tempo está para as toiradas e os grandes nomes agora, os mais falados, são os dos nossos cavalleiros, são os dos valentes espadas hespanhoes, Guerrita, Reverte, Faico, Bombita, Algabeño, velhos e novos discutindo primasias.

E o sol onde mais se alegra é n'um cartaz de toiros.

O grande acontecimento dos ultimos dias do mez foi a toirada de curiosos em beneficio do Instituto D. Affonso, que se realisou na Praça do Campo Pequeno na tarde de domingo, 25.

A praça tinha uma enchente á cunha, tendo-se vendido bilhetes por altissimo preço.

Ás tres horas começava a animação em todos os pontos de partida, estação do Rocio, elevador de S. Sebastião da Pedreira, americanos e lusitanas. É enorme a fila das carruagens. Os trens de praça exigem preços fabulosos. Mas para uma toirada d'essas não falta riqueza a ninguem.

É deslumbrante o aspecto da praça, artisticamente decorada, tendo sido um dos sectores quasi todo reservado para senhoras.

A's quatro horas e vinte minutos, o Visconde de Asseca manda começar a corrida, cujos preliminares são executados á antiga portugueza. Foi a parte mais brilhante da festa.

Apesar da boa vontade dos cavalleiros, todos elles muito applaudidos, não foi constante o enthusiasmo, porque poucos toiros se prestaram á lide. Entretanto não faltaram ovações a cavalleiros, bandarilheiros e forcados, que todos mostraram seu valor.

Eram pouco mais de sete horas quando começou o grande desfilar pela Avenida abaixo, coalhada de gente, anciosa por um espectaculo bello tambem... e muito mais barato.

A' noite a Sr.ª D. Maria Pia offereceu no Paço da Ajuda um banquete a todos os amadores que tomaram parte na corrida por ella promovida e que tão magnifico resultado deu em favor d'um estabelecimento tão altamente sympathico. Assistiram ao banquete, além dos lidadores, o Sr. Infante D. Affonso, os dignitarios de serviço e os directores do Real Club Tauromachico.

A sr.ª D. Maria Pia não se esquece do cognome que um dia lhe deram e continua concededo sempre a sua protecção a todas as obras de beneficencia.

D. ANTONIO BARROSO, NOVO BISPO DO PORTO

E' dever de rainhas o dar exemplo e bello exemplo as nossas rainhas teem dado. E' conhecida na historia a caridade das rainhas portuguezas, que tantas, pelo exercer d'essa virtude, mereceram nome immorredouro.

Seguindo a tradição, tem a sr.ª D. Amelia tambem, merecido bem dos portuguezes. Continuam a affluir os donativos em favor dos hospicios para tuberculosos que, por iniciativa da formosa rainha, vão ser inaugurados.

Bem haja quem assim pensa nos desgraçados, quem tem a consciencia d'uma nobre missão a cumprir.

Foi grande a subscripção aberta no ministerio do reino em favor dos tuberculosos, deve ter sido grande a receita da toirada de domingo em favor do Instituto D. Affonso. Bom é que os ricos repartam do seu com os desprotegidos da sorte, quer o dêem movidos pela caridade, quer indirectamente o façam, e que umas horas de distracção procuradas motivem essa bemdita transferencia da riqueza.

A toirada foi uma bella festa, falada n'este pino do verão em que as festas escasseiam.

Conservam-se entretanto abertos alguns theatros e outros ainda abrirão muito brevemente. A companhia Giovannini no Colyséu continua a chamar grande concorrencia. *Os Dragões d'El-Rei* obtiveram exito enorme na Trindade. O publico no Gymnasio continua a applaudir *O Caso do Boneco* de Esculapio.

Tudo isto em fins de junho! E ainda vão abrir o theatro da Avenida com uma revista de Baptista Diniz e o da Rua dos Cendes com a *Nitouche!*

Desejâmos-lhe sorte egual.

Muito se pensa, pelo visto, em divertimentos e um d'elles, o mais querido de muitos, tem agora sido muito discutido.

D'aqui a mez e meio é a abertura da caça. Trata-se de fazer approvar um projecto de lei elaborado, segundo consta, por alguns caçadores. Contra elle, parece, vão levantar-se, não sem razão, muitos protestos.

A caça é uma fonte da alimentação publica, isso é preciso não esquecer; é uma riqueza tambem de que é preciso cuidar; mas o que não pode, nem deve ser, é fazer-se do seu exercicio um simples *sport* para os que disponham de maiores meios. A um apaixonado caçador, homem de letras distinctissimo, ouvimos, ha dias, opinião egual.

E' possivel que o projecto seja ainda este anno apresentado ás camaras. Serão talvez pela discussão modificados alguns dos artigos, que teem levantado maior opposição.

As discussões não tem lá estado mansas ultimamente. Talvez questão de temperatura. Mas, quanto a politica, é ainda a França quem por emquanto chama as attenções e excita a curiosidade.

Dreyfus parece que só será julgado para o mez de agosto, mas não ha descanço até então.

A nomeação do general Gallifet para ministro da guerra foi muito mal recebida por muitos socialistas, que se admiram de como Millerand acceitou uma pasta n'um ministerio de que forma parte o famoso fusilador dos communistas.

Gallifet foi chamado pela sua muita energia, como devendo ser o homem capaz de tudo fazer entrar na ordem.

A opinião da imprensa está longe de ser unanime e a effervescencia é geral. Ninguem póde prever o que succederá, seja qual fôr a decisão do tribunal na questão, que está apaixonando, e com tanta razão, o mundo inteiro

Grandes surprezas nos reserva este fim de seculo, mau grado as conferencias da paz.

Nós mesmos, no nosso cantinho, sentimo-nos desasocegados, receiosos de perder o dominio na nossa Africa, que tanto sangue portuguez ha custado.

Ainda ha bem pouco tempo, as noticias das victorias portuguezas contra as forças do Gungunhana deram a Lisboa uma animação, fizeram vibrar altissimamente as cordas do patriotismo, como muitos nos não julgavam capazes, espantando os proprios, que tão deliciosamente se sentiam commovidos. E lembrarmo-nos da chegada á capital d'essas forças heroicas commandadas pelo general Galhardo, quando já nos haviam chegado novas noticias do heroismo de Mousinho de Albuquerque.

Não podem, não devem ter sido inuteis tanta bravura demonstrada, tanto sangue derramado, tantas lagrimas alegres de enthusiasmo e tristes de muita saudade.

Não deve uma má politica destruir o que foi com tão bom sangue e tanta bravura conquistado.

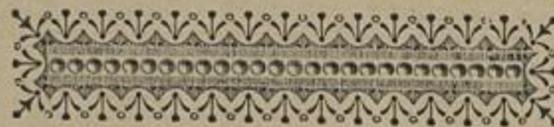
Na historia moderna do dominio portuguez na Africa ha paginas que devem ser lidas por todos os portuguezes, que admirem o heroismo dos homens.

O amor patrio os inspirou, como a religião tem inspirado as mulheres, que n'esses sertões tambem provaram quanto podem fazer pelo bem da humanidade, os olhos postos em Jesus.

Linda edição da Companhia Nacional Editora acaba de ser posta á venda, em proveito do culto das missões de Angola, a *Vida da Reverenda Madre Anna Maria Javouhey*, fundadora da congregação de S. José de Cluny.

É uma brochura muito elegante em que umas estampas coloridas atrahem a attenção pela finura do desenho, pela encantadora decoração dos quadros. A artista que os desenhou entrou em religião e o seu véo esconde hoje um dos mais formosos e aristocraticos rostos, que foram decantados na alta sociedade portugueza. Mas o seu lapis ainda revela a primorosa educação artistica recebida, o delicado gosto, os finissimos dedos que tão sentidamente tocaram aquellas flores symbolicas, aquelles ornatos primorosos.

A sr.ª D. Maria dos Prazeres de Sousa Botelho (Villa Real), deixando o mundo pelos trabalhos arduos da irmã missionaria, poz a sua arte ao serviço do seu ideal e, n'ella nos revelou que elle é grande e santo, porque a arte e o ideal estão de accordo.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. ANTONIO BARROSO

Novo Bispo do Porto

Honra hoje o OCCIDENTE, o retrato do sacerdote a quem este nome pertence, e que é esperado em Lisboa dentro em pouco, de regresso do Oriente.

O illustre bispo missionario, que em breve tomará posse da diocese do Porto, onde foi collocado depois do fallecimento do cardeal D. Americo, tem no titulo da apostolisação evangelica a que se dedicou além-mar, a sua melhor corôa de gloria, o seu rasto prestigioso e imperecivel.

Ministro d'uma religião de paz e de amor, servo obediente á palavra divina do Mestre, que ordenou aos seus discipulos que annunciassem a sua Doutrina por toda a terra, o actual prelado da egreja portuense ha de com certeza continuar a merecer no conceito da christandade de que foi antistite supremo, a mesma estima e o mesmo agrado de que a imprensa se tem feito echo nos logares diversos da sua passagem como pastor d'almas.

O homem que não hesitou na empresa veneranda de catechisar selvagens para a luz vivificante que irradia da Cruz, e que passou os seus melhores annos em climas inhospitos e doentios, um homem assim, prova-se com exuberancia um caracter de rija tempera, perfeitamente á altura das missões mais difficeis e dos encargos mais espinhosos.

Este raciocinio verdadeiro, leva-nos a felicitar, cheios de enthusiasmo, os habitantes da nobre cidade do Porto e do seu termo, que sabem apreciar no devido valor as qualidades distinctas que não podem negar-se ao sr. D. Antonio Barroso.

E estamos egualmente persuadidos de que Sua Ex.ª Rev.^{ma}, sentirá muitas vezes estremecimentos jubilosos do coração, por ver-se nomeado para uma cadeira de insigne fama tradicional, no meio d'um povo laborioso e heroico.

Que a sua modestia desculpe as nossas expressões sinceras e despretenciosas; que Deus lhe prolongue a existencia em bem da egreja de Jesus e do destino ulterior das suas ovelhas; que o seu nome haja um dia de gravar-se em letras de ouro nos annaes do bispado do Porto: tal é o nosso desejo e o voto da nossa consciencia.

CONSELHEIRO BRITO CAPELLO

O primeiro commandante do novo cruzador *D. Carlos*, cuja gravura e descripção damos em outro logar, é o sr. conselheiro Guilherme Augusto de Brito Capello, que tambem foi o fiscal por parte do governo na sua construcção. É um dos officiaes mais prestigiosos da nossa armada e a quem, por mais de uma vez, nos temos referido com justo louvor.

Nasceu a 5 de agosto de 1839 e alistou-se na marinha em 20 de setembro de 1853, sendo promovido a aspirante de segunda classe em 1 de julho de 1856, a primeira em 22 de junho de 1857, a guarda marinha em 1 de outubro de 1859, a segundo tenente a 21 de novembro de 1861, a primeiro em 27 de fevereiro de 1873, a capitão tenente em 18 de dezembro de 1883, a capitão de fragata a 7 de junho de 1888, a capitão de mar e guerra em 1893.

É grande o numero e importancia dos navios que tem commandado. Entre elles as canhoneiras *Guadiana* e *Sado*, as corvetas *Rainha de Portugal, Affonso de Albuquerque* e *Duque da Terceira*, etc.

O governo ultramarino já o exerceu em Angola e na provincia de Diu. Fez parte da expedição ao Quiambo em 1860, e commandou a força de marinheiros no ataque de Caconda. Em 23 de abril de 1896 foi nomeado para o cargo de commissario regio de Angola.

Entre outras commissões de subida importancia que o distincto official de marinha tem exercido apontam-se a de commissario regio nos trabalhos de delimitação da região da Lunda, fiscal do fabrico da canhoneira *Sado*, a da assistencia ás experiencias no castello de Abrantes da telegraphia optica Tavares; vogal da commissão encarregada de examinar o relatorio sobre o telegrapho militar de luzes, e assistir ás respectivas experiencias; de redigir um projecto de reorganisação do corpo dos officiaes de fazenda da armada, de estudar a qualidade e quantidade dos navios empregados em serviço especial nas colonias; ajudante de campo honorario do fallecido rei D. Luiz I e de sua magestade el-rei D. Carlos; presidente da commissão encarregada de dar parecer sobre as regras de evitar abalroamentos no mar, propostas pela Inglaterra; presidente da commissão encarregada de dar parecer sobre o systema inventado pelo coronel Higgs, para a substituição dos combustiveis usados para a producção do vapor d'agua; director da Cordoaria Nacional; vogal electivo da Junta consultiva do Ultramar; secretario do conselho do almirantado; commissario regio junto da Companhia de Mossamedes; vice-presidente da commissão de cartographia; vogal do conselho fiscal do fundo permanente da defeza nacional; etc., etc.

No desempenho d'estas variadissimas funcções tem merecido varias recompensas que muito o distinguem. Entre ellas citaremos, para terminar, o grande officialato da ordem de S. Bento de Aviz, a commenda da Torre e Espada; o grau de cavalleiro de S. Thiago; as medalhas de ouro da classe de bons serviços no Ultramar, algarismo 7; a grã-cruz da ordem do Merito Naval, de Hespanha; 2 medalhas de ouro da classe de comportamento exemplar, e a carta de conselho.

Serviços e distincções abonam perfeitamente o illustre official portuguez.

MONT'ESTORIL

Ampliando a noticia que no numero passado démos ácerca do Mont'Estoril, essa apreciada estação veraneal e já hoje tambem de inverno, que se encontra a meia hora da capital, á beira do Oceano, antes de chegar a Cascaes, publicamos hoje mais tres nitidas photogravuras do chalet da rainha sr.ª D. Maria Pia, do Casino pequeno e da rua de Arcachou.

Como então dissemos, o chalet da Rainha é o antigo chalet do sr. João Ulrich, e acha-se já fóra do terreno da companhia. E' uma vivenda luxuosa e de aprimorado gosto, digno da nobre senhora que o habita.

O Casino, que é não o que se projecta no chalet Almeida Pinheiro, e a que alludimos, mas sim um de proporções mais modestas e onde agradavelmente se passam algumas horas, desfructando da sua larga varanda o mar que se estende até perder de vista.

Foi alli ha tempos um restaurante hoje substituido pelo do grande hotel, que se inaugurou o anno passado.

A rua de Arcachou é uma das muitas avenidas que cortam o Mont'Estoril toda ladeada de bellas palmeiras, deixando vêr no seu extremo, no alto, os elegantes chalets dos srs. Gilman, conde de Moser, John, socio da casa Burnay, Bieler, condessa da Azenha, marqueza de Pomares, Gomes e Victorino Vaz.

O aspecto d'esta avenida é na verdade encantador e a estampa offerece d'ella suggestiva idéa.

S. PEDRO CAMINHANDO SOBRE AS AGUAS

O quadro que a nossa gravura reproduz é um dos mais notaveis que se admiram no Vaticano.

Representa elle o admiravel milagre de Jesus Christo salvando os seus discipulos do iminente naufragio em que se viam.

O Divino Mestre retirara-se para um monte, para se escusar ás acclamações da multidão depois do prodigioso milagre da multiplicação dos pães.

Ide, disse elle aos seus discipulos, embarcar e esperar-me na praia fronteira.

Os descipulos embarcaram, mas veio a noite e desencadeou-se forte tempestade que o barco estava a pontos de sosobrar.

Todos se encheram de terror ao verem-se perdidos e a todos occorreu invocar o Divino Mestre para que os salvasse.

Ouviu Deus as suas supplicas, e ainda a tempestade rugia e o mar se encapelava, quando um vulto, deslisando por sobre as vagas, se aproximou do fragil batel, e aos ouvidos dos naufragos suou uma voz, que reconheceram, e lhes dizia: *animo que sou eu!*

Era Jesus.

Os descipulos, mal seguros do que viam e ouviam, encheram-se de espanto, no primeiro momento, mas voltando a si todos se queriam precepitar ao encontro do seu Mestre, que sereno se encaminhava para elles tambem.

O primeiro foi Pedro que se lançou ao mar, mas porque a sua fé não era ainda firme, mal se podia suster sobre as aguas, o que o fez chamar pelo Senhor para que o salvasse.

Então o Senhor lhe disse: *Porque duvidas, homem de pouca fé?*

E então Pedro se poude chegar ao Senhor, e a tempestade serenou.

D'aqui vem o dizer popular: *A Fé te salva e não o pau da barca.*

E' este um dos maiores milagres que Deus obrou a seus discipulos na pessoa de Pedro, o santo cuja Egreja hontem commemorou.

Reconstituição da marinha de guerra portugueza

CRUZADOR «D. CARLOS»

Mais um navio de guerra mandado construir pelo governo portuguez vem augmentar a nossa marinha, na verdade tão mingoada. O OCCIDENTE, congratulando-se com a sua chegada, rememora o resurgimento naval portuguez, porque o seu decretamento foi uma necessidade inadiavel, um dever de patriotismo.

Quando, ainda ha pouco, por occasião do lançamento ao mar do cruzador *Rainha D. Amelia*, nos referimos á reconstituição da marinha de guerra portugueza, prestámos então a homenagem devida aos homens publicos que para ella trabalharam.

A valiosa importancia das colonias portuguezas dessiminadas por todo o globo, e especialmente no continente africano, tornavam urgente e inadiavel a necessidade de possuirmos navios de grande marcha e ampla capacidade, para em dado momento acudirem onde houvesse perigo, aquella das colonias que á mãe patria pedisse immediato e prompto auxilio.

O cruzador *D. Carlos* pertence, pois, ao genero de navios escolhidos como os mais proprios para esse effeito. Não é uma machina colossal de guerra, de enorme custo, das que isoladas ou em pequeno numero de pouco servem na defeza colonial, mas sim um navio muito completo tanto nas suas partes como no todo. O cruzador *D. Carlos* fica pois sendo o melhor de todos os nossos navios, pelas suas dimensões, artilhamento e perfeição de construcção; o que tudo se pode ajuizar pelas notas descriptivas que se seguem.

O cruzador *D. Carlos* foi construido nos importantes estaleiros da conhecida casa Armstrong, Elwisck Shipyard, em New-Castle-on-Tyne, onde ha pouco houve um grande incendio. Para a sua construcção se abriu concurso por annuncio no *Diario do Governo* em 27 de junho de 1894. O *D. Carlos* é um bello barco de 4:100 toneladas, construido de aço, de querena dupla revestida de madeira e cobre, e dividido em compartimentos estanques.

O seu deslocamento em carga é de 3:600 toneladas e a immersão de seis metros no maximo. As machinas são de triplice expansão e verticaes, e as bielles, pistons e arvores motoras de aço Siemens Martin. As helices são de bronze-manganesio e as caldeiras archi-tubulares. A sua marcha, em mar chão, é de 20 nós, com tiragem natural, e de 22 com tiragem forçada.

Os paioes podem levar um aprovisionamento maximo de mil toneladas.

A artilheria é de tiro rapido e compõe-se de 4 canhões de 15 centimetros, 8 canhões de 12, doze canhões de 47 millimetros, 6 canhões de 37 millimetros, 4 metralhadoras e cinco tubos lança-torpedos, sendo tres abaixo da linha de fluctuação. Tem aprovisionamento de projecteis e cargas para 150 tiros por canhão de 15 e 12 centimetros e de 300 para cada um dos demais canhões.

O novo cruzador é protegido de prôa á popa por uma facha couraçada de aço doce de espessura variavel entre 40 e 110 millimetros. A casa do commandante é protegida por placas de aço de dez centimetros de espessura.

Os mastros são dois, de ferro, com dois reductos para canhão de 47, e projectores electricos.

O governo do navio consta de uma machina especial a vapor para a manobra do leme, bombas a vapor e de braço para esgotamento em caso de ruptura, um transmissor de ordens, um porta-voz, um telematro systema Barr e Strond, apparelhos de distillação, machina electro-dynamica com caldeira independente, machina a vapor para o cabrestante, bomba de compressão de ar, e um motor auxilio, para serviço dos cinzeiros.

A illuminação é a luz electrica, collocada de forma que não tem o menor contacto com os compartimentos destinados á guarda da polvora e projecteis.

Exteriormente possue quatro fortes projectores electricos, assim como os apparelhos destinados aos signaes.

Além dos escaleres, que, lhe competem, em harmonia com o numero da guarnição, possue mais duas chalupas a vapor, com força sufficiente para, em mar calmo, rebocarem todas as outras embarcações.

Os alojamentos constam de uma camara e beliche para o commandante, *fumoir*, duas salas de jantar, beliches para 14 officiaes, salas de banho, retretes, enfermaria, escriptorio do commissario, pharmacia, officina do mestre artilheiro, *cabine* do mestre da equipagem, camara dos officiaes inferiores com doze dormitorios, camara dos machinistas com seis dormitorios, etc.

As despensas e tanques d'agua podem conter generos para uma viagem de 40 dias, e agua para 15 dias destinados a uma equipagem de 300 homens.

O systema do arejamento em todo o navio é o mais aperfeiçoado que se conhece e dos modelos ultimamente adoptados pela marinha de guerra ingleza.

A casa Armstrong esmerou-se em apresentar um trabalho digno do seu credito universal. O novo cruzador é um navio typo, o cruzador moderno, satisfazendo a todas as exigencias que a pratica e a theoria indicam.

Depois de concluidos os navios que se estão construindo em França, nas *Forges et Chantiers*, os *S. Gabriel* e *S. Raphael*, e o *D. Amelia*, todos egualmente fabricados sob os modernos preceitos, e com o arsenal de marinha habilitado como vae estando, em breve a reconstituição da marinha de guerra portugueza será uma realidade.

R. O.

A ATLANTIDA

Não se tracta da Atlantida de Platão, nem da republica ideal que Bacon ahi dispôs; isso são romances ou utopias que pertencem ao dominio da critica litteraria ou philosophica, mas que nada teem que ver com os factos da historia. Houve realmente uma Atlantida? A nação dos Atlantes occupou na historia algum logar? Isto é que interessa saber.

Conta Platão pela bocca de Critias, neto do individuo que ouvira a narração a Solon, que este ultimo, quando esteve em Sais, no Egypto, fôra iniciado pelos sacerdotes d'aquella cidade n'uma antiga tradição conservada nos seus annaes sagrados e que attesta haver existido em outro tempo no oceano Atlantico, defronte das columnas de Hercules, uma grande ilha, tão vasta como a Libya e a Asia juntas. D'esta ilha, ou antes continente, passava-se com facilidade para outras ilhas e d'estas para o continente além situado, que borda esse mar verdadeiro, *á vista do qual o que está áquem do estreito é um porto com uma pequena entrada*. Parece que não se poderia fazer descripção mais exacta das Antilhas e da America. Só a Atlantida desappareceu *submersa subitamente depois de muitos tremores de terra e de extraordinarias inundações*. E agora, observavam os sacerdotes de Sais, é impossivel atravessar e explorar o mar n'aquelle sitio, por causa da profunda vasa que a ilha alli formou. Ora em nossos dias ainda as embarcações encontram n'esses mesmos pontos do Atlantico uma extensão enorme de baixios, extraordinariamente abundantes em plantas marinhas, pelo que se deu a essa parte o nome de *mar de Sargaço ou dos Sargaços*. Estes baixios parecem ligar os Açores ás Antilhas, e obrigar o Gulf-Stream a entrar no golfo do Mexico, d'onde sai por um canal estreito ao sul da Florida, antes de continuar o seu curso para o norte, descrevendo em certa maneira os contornos de algum antigo continente submergido, que tivesse por ponto culminante os Açores, e que, por uma longa serie de abalos e aluições lentas, desapparecesse da superficie das aguas e fosse baixando a pouco e pouco do seu nivel.

N'essa famosa Atlantida, diziam ainda os sacerdotes de Sais, houve reis cujo poder se extendia a toda a grande ilha, a muitas outras mais pequenas e a partes do continente. Aquem do estreito dominavam desde a Libya até o Egypto, e na Europa até a Tyrrhenia.

Temos de duas fontes a lista genealogica dos primeiros d'esses reis, evidentemente fabulosos.

Segundo refere Platão, de entre os primeiros habitantes da Atlantida distinguiram-se Evanor e a sua companheira Leucippe, que tiveram uma filha chamada Clito da qual Neptuno se enamorou. D'esta união sahiram cinco casaes gemeos. Atlas, o primogenito, foi senhor de toda a ilha e deu-lhe o nome, bem como ao oceano que a rodeia; a Gades, seu irmão gemeo, nascido ulteriormente, coube a parte da ilha proxima das columnas de Hercules, e a terra chamada do nome d'elle Gadesica, isto é, o meio dia da Hespanha. Os outros filhos de Clito tiveram as demais ilhas; mas a posteridade de Atlas foi a mais poderosa e respeitada.

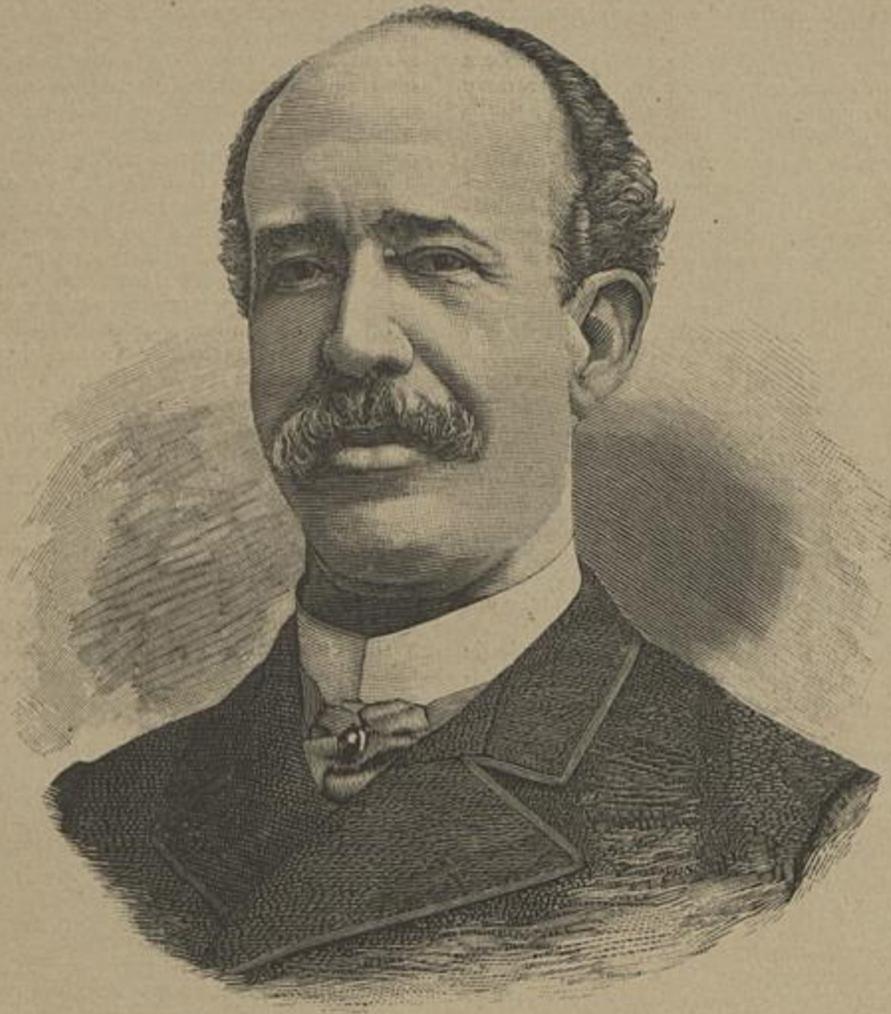
Na opinião de Diodoro da Sicilia, quem primeiro alli reinou, foi Urano, que reuniu nas abas das cidades os homens que até então andavam dispersos pelos bosques, lhes ensinou a agricultura, e extendeu o seu poder por uma grande parte da terra habitavel, principalmente pelos paizes occidentaes e boreaes. Versado na sciencia dos astros, mediu o anno e o mez, predisse a volta das estações, o curso do sol e da lua, e mereceu que se desse o seu nome ao céo.

Urano teve quarenta e cinco filhos, dezoito dos quaes lhe nasceram de Tithea; foram estes ultimos os Titans e duas filhas, Basiléa ou a rainha, e Rhéa.

Basiléa, depois de ter educado seus irmãos, desposou Hyperion, de quem teve Helio e Selene. Os Titans, ciosos de Helio, lançaram-n'o no Eridano, e Selene, de desgosto, precipitou-se de uma torre. O nome de Helio foi dado ao Sol, que até então se chamava *fogo sagrado*, e o de Selene á Lua, denominada antes *Mena*. Depois, tendo enlouquecido Basiléa, viram-n'a agarrar nos cymbalos de sua filha e correr desgrenhada pelos campos, o que as cerimonias do seu culto, celebradas pelos corybantes, tinham por objecto rememorar. É exactamente a mesma tradição que os phrygios conservavam de Cybele e Atys.

Por morte de Hyperion, os filhos de Urano dividiram entre si o imperio. Atlas recebeu em partilha as terras que confinavam com o Oceano, e deu o seu nome á montanha ainda agora pelo mesmo conhecida. Seu filho Hespero, que lhe succedeu, foi, como elle, insigne na sciencia dos astros, e, quando morreu, deu-se o seu nome á estrella mais brilhante do céo. De Atlas nasceram tambem as Atlantidas, sete, as quaes, casadas com os deuses ou com os heroes, foram mães da maioria das nações, dando á luz outros deuses e outros heroes. São as *Pleiadas*, chamadas tambem nymphas, denominação, accrescenta Diodoro, que os naturaes do paiz attribuem a todas as mulheres em geral.

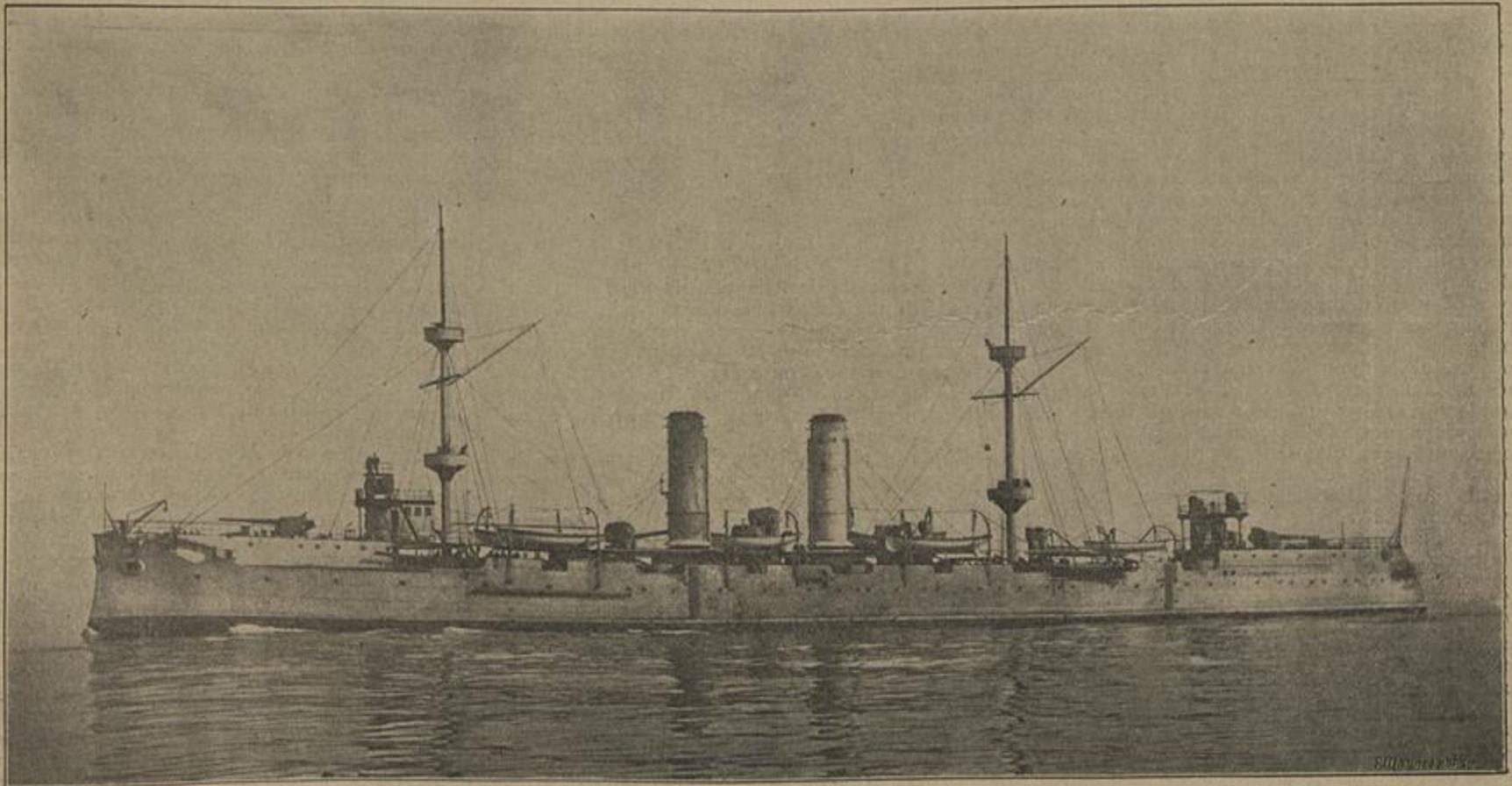
Saturno, irmão de Atlas, foi ao contrario celebre pelos seus vicios. Desposou Rhéa, sua irmã, e teve d'ella Jupiter, que se não deve confundir, diz Diodoro, com outro Jupiter, irmão de Urano, que reinou em Creta e teve de sua mulher Idéa por filhos os dez Curetes. Saturno reinou na Sicilia, Libya e Italia. Para dominar o paiz, mandou construir em todas as eminencias fortes cidadellas, a cujas ruinas no tempo de Diodoro, se dava ainda o nome de castellos de Saturno. Este mau rei foi desenthronizado por Jupiter, alliado com os Titans, o qual se senhoreou da terra, e mereceu pelas suas obras a adoração dos mortaes.

Provam muitos documentos que ha um fundo historico, um fundo de verdade n'estas lendas. Demais, Diodoro da Sicilia falando das amazonas, apresenta-as em guerra com a nação dos Atlantas, situada ao occidente da Libya, e cuja capi-

CAPITÃO DE MAR E GUERRA GUILHERME CAPELLO — COMMANDANTE DO CRUZADOR «D. CARLOS»

tal, Cerne, foi destruida pela rainha Myrina, e reedificada logo que os habitantes se submetteram á victoriosa rainha, a qual, em reconhecimento das grandes honras que elles lhe prestavam, tomou a sua defezacontra as Górgones, outra tribu de amazonas. Mas, por morte de Myrina, na Asia, recuperaram os Atlantas a sua independencia e, vencida e morta Medusa, rainha das Górgones, por Perseu, filho de Jupiter, reinaram elles sem rivaes em toda a Libya até o Egypto, que não poucas vezes foi victima das suas invasões.

No dizer dos sacerdotes de Sais, as incursões e conquistas dos Atlantes estenderam-se á Asia e ameaçaram repetidas vezes a cidade de Athenas. Esta guerra formidavel deu-se provavelmente pelos tempos de Cecrops, Erichtheu, Erichtonio e Erisichthon, isto é, antes de Thesou; pois, segundo refere Platão no Critias, quasi todas estas personagens eram apontadas na narração que os sacerdotes egypcios fizeram a Solon, e os nomes das mulheres não foram esquecidos. Lá figurava a imagem de Minerva, e como ao tempo as mulheres compartiam com os homens as fadigas da guerra, a deusa, conforme esse costume, era representada com uma armadura. E effectivamente Athene, fundadora de Sais, com o nome de Neith, dez mil annos antes de fundar Athenas, era mediante os seus attributos guerreiros uma deusa libyca. Pallas, a deificação de Myrina provavelmente, embraça a egide, em que está pregada a cabeça de Medusa, rainha das Górgones. É a deusa das amazonas libycas, rivaes dos Atlantes, adoptada pelos Pallantidas de Athenas que, sem a menor duvida, pertenciam á mesma raça, se bem que a ramo differente.

A dupla mythologia dos Atlantes, tal como nol-a dão a conhecer Platão e Diodoro, tem na verdade grande analogia, não só com a dos gregos, mas tambem com a dos arias do periodo vadico: Urano é Verona, o céo, e Neptuno e Posidon outros nomes simplesmente da mesma divindade. O céo que se extende sobre o mar é que lhe sorve as aguas e as devolve em diluvios. Evenor é tambem o céo creador. Leucippe, a mesma que Basiléa ou Cybele. O pantheon grego, em vez de derivar do pantheon vedico, não dimanará antes com este da mythologia dos Atlantes, nos quaes, como acabamos de ver, se encontram esses progenitores da raça ariaca, a que até agora se tem dado por berço os planaltos da Asia central? A grande raça atlantida impelliu as suas hostes conquistadoras do occidente para o oriente até a Asia, d'onde depois, ao alvorecer dos tempos historicos, refluiu por um movimento de regresso. A queda de Troia e a formidavel lucta dos gregos com os pelasgos foram apenas episodios n'essa guerra ethnica dos arias orientaes contra os Atlantes seus antepassados.

Nas cidadellas de Saturno devem reconhecer-se esses monumentos cyclopicos, construidos pelos Titans, que coroam todas as antigas ilhas e peninsulas do Mediterraneo. A descripção que o auctor do Critias faz da capital da Atlantida é imaginaria, e comtudo refere-se em grande parte a esses monumentos megalithicos que se encontram espalhados desde a Escandinavia até o Atlas e, ao oriente, até a Criméa e India; mas ainda melhor se reporta aos grandes terraplenos symbolicos que

RECONSTITUIÇÃO DA MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — O NOVO CRUZADOR «D. CARLOS»

cobrem os vastissimos valles da America do Norte. Um sabio, bastante ousado nas suas concepções syntheticas, attribue essas construcções da America e da Europa a uma só e mesma raça, a cujas migrações a Atlantida servira de passagem. A essa raça forte e emprehendedora portanto se devem attribuir todas as primeiras estações civilizadas, e talvez até a civilização primitiva do Japão e da China.

Não será emfim aos Atlantes que se deve a invenção do bronze? O bronze foi com certeza importado na Europa durante o dominio dos constructores de tumulos, visto como em tempos anteriores só se encontra a pedra polida; houve conquista provavelmente, porque se operou mudança nos costumes, nos ritos religiosos e funerarios; mas tudo isto pode dar se entre povos da mesma origem. Platão adorna toda a capital da Atlantida com um metal particular, desconhecido no seu tempo, diz elle, o *orichalco*, que brilhava como o fogo. N'este metal podemos reconhecer o cobre ou o bronze com uma ligá fraca. A Atlantida, sujeita a grandes commoções vulcanicas, devia abundar em jazigos metalliferos, talvez em schistos cupricos; comprehende se pois que uma migração de Atlantes levasse o bronze ao Mexico, em quanto na America do Norte os progenitores da raça continuassem na edade da pedra e do cobre batido.

A raça da edade do bronze era de estatura pequena, como a raça iberica em geral que deve ter parentesco com os Atlantes. E os mexicanos, os guanches, os indigenas do Atlas, os latinos, os celtas e os gregos pelasgos tambem não eram altos, visto como lhes causava grande admiração a elevada estatura dos gaulezes. Por outro lado, se as mulheres atlantes tomassem parte na guerra, a estreiteza dos braceletes ou dos punhos das espadas da edade do bronze explicar-se-hiam facilmente pelo facto de terem pertencido esses objectos em grande parte a mulheres guerreiras.

No longo reinado da raça atlantida poderiamos talvez estabelecer varias epocas: a epoca de Urano, durante a qual se fizeram as grandes obras de terra na America do Norte e na Atlantida; a epoca de Saturno, ou titanica, em que se levantaram os monumentos megalithicos na Europa, Africa e Asia, formados de pedregulhos sobrepostos ou juxtapostos sem cimento; e a epoca de Vulcano ou cyclopica, em que á arte de construir cidadellas se juntou a de fundir metaes.

A desapparição da Atlantida, na epoca da guerra dos Atlantas contra Athenas, isto é, nove mil annos antes da estada de Solon no Egypto, segundo a narrativa de Platão, deve ter sido posterior ao descobrimento do bronze, o que nos dá um ponto de mira chronologico para avaliarmos a edade dos outros depositos subjacentes da edade da pedra. A ruptura d'essa passagem intercontinental marcou o começo da decadencia dos Atlantes, desde logo divididos em duas partes, e cujos ramos ethnicos estabelecidos na Africa, na Europa e na Asia, deixando de ter atrás de si refugio na mãe patria, foram cedendo a pouco e pouco ao dominio das suas filhas, as nações ariacas, refluindo do oriente para o occidente.

Francisco de Almeida.

MONT'ESTORIL — CHALET DE S. M. A RAINHA D. MARIA PIA

MONT'ESTORIL — RUA DE ARCACHOU

POESIAS PORTUGUEZAS

Traduzidas em italiano

SONETO DE CAMÕES

(TEXTO ORIGINAL)

O cysne, quando sente ser chegada
A hora que põe termo á sua vida,
Harmonia maior com voz sentida
Levanta por a praia inhabitada.

Deseja lograr vida prolongada,
E d'ella está chorando a despedida:
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim d'esta jornada.

Assi, Senhora minha, quando eu via
O triste fim que davam meus amores,
Estando posto já no extremo fio,

Com mais suave accento de harmonia
Descantei por os vossos desfavores
La vuestra falsa fé y el amor mio.

SONETO DI CAMOENS

(VERSIONE ITALIANA)

Quando il cigno conosce esser vicina
L'ora fatal di abbandonar la vita,
Scioglie in loco ermo e in voce intenerita
Canti d'una harmonia quasi divina.

MONT'ESTORIL — O CASINO

Come esso a prolungar la vita inclina,
Cosi lamenta ch' ella sia finita;
Ma, pur gemendo per la dipartita,
Celebra almen la fine sua meschina.

D'egual modo, o mio Ben, quand'io scopria
La miseranda fin de' miei amori,
Conscio ch'era da voi posto in oblio,

Con più soave accento d'armonia
Cantai, per tanti vostri disfavori,
La vostra falsa fede e l'amor mio.

(Tradot. da *Prospero Peragallo*).

DESENGANO

(Texto portuguez de Soares de Passos)

Vejo-a ainda! resurge a meus olhos
Como em tempos ditosos surgia,
E, qual anjo de casta poesia,
Desce ás vezes num sonho de amor;
Vejo-a ainda nos céos e na terra,
Nos encantos e risos da aurora,
E, se o dia nas ondas descora,
Das estrellas no meigo fulgor.

Era a luz que brilhava em minh'alma,
Era o astro que em sombras luzira,
Era o fogo sagrado que a lyra
A's doçuras de âmor acordou...
Tudo é findo; debalde nas trevas
Busco ainda seu facho luzente:
Foi apenas um astro cadente,
Meteoro fugaz que passou.

Pobre seio, que ardente pulsaste
Embalado por falsas venturas,
O fanal que na terra procuras
Sobre a terra jámais acharás.
Não ha seio que entenda no mundo
Esse ardor de teus vagos anhelos;
Não ha luz que em seus raios mais bellos
Não te esconda uma sombra fallaz.

Que te resta? um futuro vazio
De illusões que nutriu a esperança,
E um passado de triste lembrança
Como é triste a verdade sem véo...

Olvidar! olvidar! que ao presente,
Ai! só cabe o repouso do olvido.
Olvidar! e que em gêlo sumido
Seja o fogo que em chammas ardeu!

Sonho bello, que esta alma illudiste,
Chamma ardente nos céos ateada,
Vôa, vôa á celeste morada!
Lá nasceste, do mundo não és.
E tu, lyra de languidas cordas,
Que de amor suspiraste em desleixo,
Vae, oh! vae! em silencio te deixo...
Vae, oh! vae, para sempre talvez!

DISINGANNO

(Versione italiana)

Si, la veggio! risorge al mio sguardo
Come in tempi felici apparia;
E, qual nume di casta poesia,
Scende a volte in un sogno d'amor.
Si, la veggio nei cieli ed in terra,
Negli incanti e sorrisi d'aurora,
E, nel punto in che il dì si scolora,
Delle stelle nel caro fulgor.

Del mio core era dessa la luce,
Era l'astro che a notte raggiava,
Era il fuoco che l'estro infiammava,
E all' ebbrezze d'amore destò...
Fini tutto: ed invano in tenebra
Cerco ancor quel suo raggio lucente;
Ah! fu appena una stella cadente,
Fu un miraggio che ratto passò.

Triste core, che ardente pulsasti
Col pensiero a un futuro giocondo,
Il fanale che cerchi nel mondo,
Non ti è dato nel mondo trovar.
Fra gli umani non v'ha chi comprenda
Dei tuoi palpiti il nobile ardore;
Non v'ha luce di più gran splendore
Che da te possa ogni ombra fugar.

Che ti resta? un futuro omai scemo
Di illusion che nutrì la speranza,
E un passato sol di ricordanza,
Triste come è verdà senza vel...

Ah! scordiamo! scordiam! che al presente
Dell' oblio sol conviene la calma;
Sì, scordiamo! e quel fuoco, che l'alma
Mi scaldava, convertasi in gel!

Sogno bello, che il core illudevi,
Fiamma ardente nei cieli attizzata,
Vola, vola al ciel, dove sei nata!
Che tu certo non sei di quaggiù.
E tu. o lira di languide corde,
Che cantasti d'amor, folleggiando,
Vanne, oh! vanne! che ti ho posta in bando...
Vanne! e forze non ti vedrò più.

(Tradot. da *Prospero Peragallo*).

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA ***

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO III

IX

O MONTE HERMA

Embora jurando, por quantos deuses havia, que não tornaria a pensar em Violante, n'uma aragem de amorosa loucura, retomei o caminho de Veneza.

Pela terceira vez, apenas me atrevo a confessal-o, corri atraz do fantasma da felicidade. Oito mezes se haviam passado depois do nosso encontro de Saint-Germain. Debalde procurára Violante por todo Paris, debalde decidira o prefeito da policia a emprestar-me os seus cem olhos. Escrevi a Lucrezia que nada sabia. Ninguem me sabia dizer onde ella parava.

Voltára a visitar o secretario da embaixada que, dois dias depois do duello, me confiára o seguinte: Violante viera saber novas d'elle; não tinha querido subir, contentára-se com escrever-lhe a lapis cinco ou seis linhas em que dizia que, sentindo-se doente, deixava Paris até ao fim do inverno, ou talvez para sempre; mas visto que no outro mundo a gente se tornava a ver, dizia-lhe até mais ver, dizendo-lhe adeus.

Era este bilhete o que principalmente me decidiu a ir procurar a fugitiva no seu paiz.

Não cheguei a ir a Veneza. Parei em Padua para ir até ao Monte Herma, cujo caminho Lucrezia me indicára Não tinha grande esperança de lá encontrar Violante, mas sem duvida lá acharia novas d'ella.

O Monte Herma é uma das eminencias de origem vulcanica que formam os montes Euganeos. É entre Padua e Montebello. Abundam por ali as aguas mineraes. Não é região de montes selvagens. O Duque de Modena mandou ali construir uma casa de campo e os afamados banhos d'Albano são a meio da pequena serra formada por essas eminencias, a mais elevada das quaes não passaria de um trabalho de toupeira, transportado para o lado das altissimas montanhas da velha Asia.

No Monte Herma pareceu-me estar na vertente oriental dos Alpes-Baixos, casas pequeninas e risonhas, pomares em que a oliveira e a figueira entrelacem os ramos nodosos; pregas de terreno povoado pelas vinhas; pachorrentos typos de montanhezes, eis a região onde Violante nascêra e onde queria morrer.

Cheguei ao Cataio, casa de campo do Duque de Modena, quasi dois annos depois da primeira partida de Violante. Dois. annos! Havia dois annos que eu corria ao acaso, de Paris para Veneza, de Veneza para Napoles, de Napoles para Veneza, de Veneza para Paris, emfim de Paris para Padua.

No Cataio perguntei pela casa de Antonio Rizzo.

— A quinta, seguindo pelo atalho á direita, disse-me o guarda do Cataio.

— Encontro-o agora?

— Com certeza. Hontem veio cá abaixo buscar remedios a casa do medico d'Albano e hoje deve estar em casa.

— Está doente? perguntei.

— Elle não; a mulher.

— Como! O Antonio é casado?

— Pois se ella é mulher d'elle...!

— Está certo d'isso? perguntei espantado.

— Certissimo, respondeu o guarda. É um caso.

— Metti-lhe um luiz na mão e disse-lhe, sentando-me ao lado d'elle:

— Conheço o Antonio e adoro os romances Conte-me lá esse.

— É facil, disse o homemsinho; mas não é muito claro.

— Conte sempre.

— Pois então, disse, antes de mais nada saiba que a casa de Antonio pertenceu, já lá vão dez annos pelo menos, a uma linda e excellente senhora, algum tanto... bastante arruinada, casada com um honrado homem, Francesco Lazara. Esse bom homem perdeu a mulher e ficou só com uma menina chamada Violante. Era uma loirinha linda que andava por ahi correndo pelas vinhas a cantar como um tordo, e de quem todos gostavam, porque era linda. Quando ella fez treze annos o pae Lazara levou-a a Veneza, para casa de um irmão d'elle, onde ella aprendeu o officio de rendeira. Pouco mais ou menos por esse tempo, morreu elle de desgosto, vendo o fogo do céo devorar-lhe as colheitas e incendiar-lhe os curraes. Tanto a casa como o campo foram comprados por um prietario lá da planicie. Passaram-se annos e já ninguem se lembrava do pae Lazara. Chegou então ahi um bello rapagão, que tinha sido gondoleiro em Veneza, e quiz comprar, custasse o que custasse, a casa e o campo do pae Lazara. — Era um juramento que assim tinha feito, nos disse elle. O proprietario fez-se rogado, mas porfim cedeu, e por bom preço, como é bem de ver. O Antonio. porém, não era de regatear Eil-o pois installado ahi, cultivando a vinha, enxertando as arvores

«Um bello dia, uns dois mezes depois da vinda d'elle cá para a terra, chega ahi uma linda senhora, que aqui mesmo vem pedir uns esclarecimentos sobre o dono da casa Lazara.

«Foi a minha mulher que ella se dirigiu. Sabendo que a tal casa fôra havia pouco comprada por um gondoleiro de Veneza, fez se muito branca e perguntou o nome do novo proprietario. — Antonio Rizzo, disse-lhe minha mulher. Mal ouviu este nome, a linda senhora perdeu os sentidos, dizendo: — Elle, elle é que de nada se esqueceu!

«Quando voltou a si, fizemos-lhe muitas perguntas e ella por fim disse-nos que viera para comprar a casa de Lazara; que era filha d'elle, a Violantezinha a quem, por mais d'uma vez, déramos laranjas das laranjeiras de Sua Alteza. Quem a havia de conhecer? O senhor percebe — uma cachopinha que vimos, assim d'esta altura, correr por ahi, quasi nuasinha, pelos atalhos, e que nos volta, passados dez annos, vestida como uma duqueza, linda como Nossa Senhora!... Olhos melhores se enganavam e os nossos envelheceram tanto!

O velho guarda ameaçava-me com historia muito longa; pedi-lhe que chegasse breve ao fim.

— Para acabar com o romance, a nossa Violantezinha foi ter com o Antonio que já, parece, gostára d'ella em Veneza, quando ella estava em casa do tio. E, aqui está. Querendo ambos ficar com a casa do pae Lazara, casaram-se em Albano!

— Casados! E diz-me que ella está doente?

— Já não vinha boa, quando aqui chegou; mas pareceu criar amor á vida. Mandara vir um piano, o que foi para nós um encanto. Mas, de repente, um bello dia, a rapariga deu ainda em mais triste, e desde então cresce-lhe a tristeza cada dia, e parece que é d'isso que ella tem de morrer.

— E' impossivel!

— O pobre rapaz vai atraz d'ella. O que é a sorte! Duas crianças que se adoram, que nada impede que sejam felizes, e que vão ambos morrer na primavera da vida, sem que nós, pobres velhos entendamos d'isso nem palavra!

Deixei o bom velhote, que mais nada me podia dar de novo, e dirigi-me, preso d'uma commoção indizivel, para a casa onde, para mim perdida para sempre, ia encontrar Violante.

N'esta altura da sua historia, Paulo de Hauteroche voltou-se para Mario e disse-lhe:

— Pedias-me, ha pouco, que deixasse a elegia pelo drama. Alegra te; o que me falta contar é mais sombrio e lamentavel que muito drama turbulento cheio de venenos, estocadas e assassinatos.

Subi lentamente o atalho que leva do Cataio á casa de Lazara. — Ainda assim continuam chamando á casa do Antonio. — Ia lentamente porque, a um tempo, me sentia atrahido e repellido.

Era como um destroço de naufragio fluctuando entre duas correntes contrarias. — Volteava meu pensamento assombrado por cima de vortices sem fundo. — Violante casada, Violante moribunda, Violante morta! — Que mais havia no mundo?

Accessos de furiosa colera sobresaltavam-me o coração.

Hei de matar aquelle maldito Antonio !» dizia ão comigo.

O atalho por onde seguia era costa arriba, treando pela vertente mais escarpada da montanha. Mas tão acabrunhado ia sob o peso dos meus pensamentos, que não dava nem pelos pobres casebres que se me offereciam á vista, nem pelas asperezas do caminho. Muita vez descancei á sombra das moitas, dos carvalhos e das vinhas suspensas das oliveiras. A mim mesmo perguntava se iria até ao cabo. «Quem me déra aqui tudo esquecer, n'um somno sem fim!» Apparecia-me depois a imagem de Violante. «Ah! Violante, a minh'alma era em tuas mãos e até aqui m'a trouxeste... Porquê? Esphinge terrivel e adoravel!... Antes que morras, quero que me expliques a chave d'este enigma que a ambos nos ha de matar!»

Emfim, depois de levar trez horas n'um caminho, que em menos d'uma hora em outro tempo percorrêra, parei subitamente ante o aspecto d'uma pequenina habitação lindissima, como as sonhamos todos os que calcamos o asphalto do boulevard em nossos momentos de sonhos extra-parisienses.

Disse-me uma pancada do coração: — E' ali!

X

A CHAVE DO ENYGMA

Imaginem uma casa pequenina e muito bonita, quasi branca ainda, um andar e por cima dois quartos com varandas. Os vidros scintillavam ao sol; uns aloes em flor e umas palmeiras anãs enchiam o terraço. Defronte da casa um bosquesinho, duas oliveiras, as figueiras, as videiras bravas entrellaçavam os ramos nodosos. Era a vida escarnecendo da morte.

Sentia-se um pensamento d'amor que por ali passára e que a mão d'uma mulher elegante acabará o que o amor havia principiado. Um inalteravel silencio parecia reinar em torno d'aquella habitação; mas era o silencio das solidões agrestes cheias de murmurios vagos e dulcissimos: zumbidos de insectos, murmurios de folhas, susurros de ephemeros, voejando nos raios luminosos.

Entrei, percorri todo o rez-do-chão sem ver signal de vida: um vestibulo povoado de flores, uma saleta cuja mobilia de madeira de limoeiro deveria ter sido trazida de Padua, uma casa de jantar e uma cosinha scintillantes d'uma limpeza hollandeza.

Voltei para o vestibulo onde havia uma escada. Subi-a. Ia dar a um patamar com duas portas Estava uma d'ellas entreaberta, empurrei-a e entrei n'um quarto cheio do suave perfume das flores que guarneciam duas vastas jardineiras.

Esse quarto estava mobilado com uma rede, um leito de columnas e duas poltronas forradas com velhas tapeçarias venezianas. No fundo, um bello piano, e a partitura da *Haydée* aberta sobre a estante.

Estremeci e fui-me beijar as teclas de marfim que me pareciam ainda estremecer sob os dedos de Violante.

Espessas esteiras amorteciam a bulha dos passos.

Voltei ao patamar e empurrei a outra porta, que cedeu á pressão e que toda aberta me deixou ver um quadro que desde então tenho ante os olhos constantemente.

Foi primeiro um grande rasto de sol estendendo-se no tapete branco e côr de rosa que recobria o chão.

Depois, quando já os meus olhos encandecidos se tinham um pouco habituado ao brilho, vi, para além do feixe luminoso um leito envolto em rendas.

Junto do leito, estava Antonio sentado n'uma grande poltrona, com a cabeça entre as mãos, perdido em não sei que contemplação intima.

Mas apenas o entrevi.

O que logo me chamou o olhar foi Violante perdida em ondas de rendas brancas, foi a cabeça d'ella, pallida, cujos cabellos loiros eram abrilhantados de palhetas d'oiro pelos raios do sol reflectidos por um espelho.

Estava meio adormecida — ainda viva e já morta.

Vira tristemente, lentamente, gravemente ajoelhar-me deante d'aquelle leito; peguei na mão transparente e marmorea que Violante deixava cahir.

Enchia-a de beijos e de lagrimas.

Violante estremeceu e sem fazer um movimento, nem sequer entreabrir as palpebras cahidas sobre aquelles olhos adorados, suspirou:

— E elle!

Antonio ergueu-se. Olhava para mim como um homem olharia para a serpente cujo fino contacto houvesse vindo acordal-o. Mas Violante disse-lhe:

— Antonio, deixa-nos por uns instantes — são rogos d'uma morta!

Quiz ficar; mas violenta até na morte, Violante empurrou-o para trez passos do leito.

Antonio curvou-se sobre o meu hombro; senti-lhe a respiração febril passar-me sobre o rosto e ouvi-o murmurando em italiano:

— Hei de voltar.

Afastou-se; mas voltando-se para mim:

— E se ainda me roubas seu ultimo suspiro, como me roubaste suas primeiras caricias!...

E disse-me o olhar d'elle o que a voz não disse, porque Violante repetiu:

— Antonio, peço-te, deixa-nos sós. D'aqui a pouco te chamo.

Sahiu recuando, como tigre que não pode morder a preza, mas que a devora com os olhos.

Quando a bulha da porta me indicou que elle ali já não estava, lancei-me sobre o leito de Violante, peguei com ambas as mãos na querida cabecinha e enchi-a de beijos.

— Oh! Violante! Violante! que fizeste? dizia no meio das minhas lagrimas.

— Escuta, disse-me. Mas para que eu possa fallar, dá-me a certeza de que o Antonio já ahi não está. Depois has de dar-me uma colher d'esse remedio, que está em cima d'essa meza.

Obedeci-lhe. Entreabri a porta, debrucei-me sobre o corrimão da escada e pela janella vi o Antonio, agitado, caminhando á torreira do sol, na vinha que havia por detraz da casa.

Voltei para o quarto, fechei a porta, dei a Violante uma colher do remedio que ella me havia indicado e sentei-me n'uma outra poltrona, que puxei para junto da cabeceira.

— Fala disse-lhe, tornando a deitar em meus braços a cabeça d'ella, mas fala de vagár. Ai de mim, pobre Violante, como eu te venho encontrar!

— Duas vezes commetti grande culpa, disse ella, culpada fui contra Antonio e culpada contra ti. Mas vou morrer e deves perdoar-me, como elle já me perdoou.

— Não me fales n'ello, disse eu fremindo, fala me de mim.

Ella interrompeu-me.

— Escute, poucas horas tenho de vida — esperava-te para morrer com Deus. Bem sabia que me procuravas e que me havias de achar uma vez — pois agora creio que nunca deixaste de amar-me.

— Adivinhas-te pois? E foi por isso...

— Deixa-me falar, disse ella, os moribundos adivinham o que lhes vão dizer, mas os vivos não podem saber as palavras que a morte levou. Deixa-me falar.

Era um soffrimento cruel ouvir aquella voz a extinguir-se, aquelle assobiar do peito opprimido, o estertor que começava a apoderar-se d'ella e de que a vontade mal podia vencer essa parte.

— Ha tres annos que morro dia a dia, disse-me ella. Primeiro foi o coração o atacado, quando vi que já me não amavas.

— Mas se eu sempre te amei! exclamei eu,

— Já não eras o meu Paulo dos dias bons. — Depois, aqui, na minha soledade com os meus remorsos — pois que bastante me arrependi, fica-o sabendo — percebi que ficavas assombrado pela tua ruina e que não te atreveras a dizer-me que precisavamos mudar de vida. — Ah! *mio caro*, esquecete que eu não passava de uma moçoila montanheza em princeza transformada. Querias suppôr que eu fosse filha verdadeira de rainha — e a questão do dinheiro perdeu-me comtigo, como me havia perdido com o Antonio. — Ah! o dinheiro, que doida eu fue deitando-o a todos os ventos! Como deveria ter-me lembrado de que, se não fôra tão pobre, não me haveria deixado tentar pelas tuas promessas. — Duas vezes perdi a vida, porque faltou o dinheiro.

E depois de um silencio:

— O dinheiro..., disse, precisavamos mata-lo!

....

Recolheu-se por instantantes.

— Entretanto é o dinheiro quem nos mata.

Beijei-lhe com adoração os cabellos formosos.

— Quando julguei perceber que já me não amavas, continuou, tive umas primeiras esperanças de morrer louca; mas minha hora ainda não chegára. Aferrei-me ao teu moribundo amor como um naufrago a uma hervinha. Nunca soubeste resistir á tua fantasia; fizeste-me soffrer mil mortes com todas essas meninas da moda. Todo tu te despendias rindo dos meus ciumes. E eu sorria para occultar as lagrimas. E depois, que me aconselhaste tu, o dia em que já não tinhas dinheiro? Ainda hoje por tua causa me córam as faces de vergonha. Disseste-me: «Nasceste duqueza, vai procurar um duque.» Tão pouco me conhecias! Eu nascêra para morrer d'amor.

Duas lagrimas brilharam como perolas nos olhos de Violante. Continuou:

— No dia em que me disseste que ias a casa de tua tia velha, dei por certo que me deixavas. Passei uma noite horrivel. A minha vida inteira me passou pelos olhos. Revi-me, correndo, pequenina, no atalho por onde agora vieste. Vi-me depois amando suavemente, sem paixão mas sem terror, o pobre Antonio que me deu toda a sua vida; que pena tive de não ter tido animo para resistir aos instinctos da *coquetterie* e da minha vaidade. Se houvera casado com Antonio antes de conhecer-te, teria sido uma boa e simples mulher, um nada vaidosa, mas seria mãe de umas lindas crianças, o que era todo o meu sonho! E não morreria assim entre vós ambos, por causa d'ambos infelizes, ambos infelizes por minha causa!

Violante interrompia-se a cada instante.

— Uma noite, dias depois da tua partida, fui com o duque de San-Croce á Opera-Comica. Cantava-se á *Haydée*. Todas as lembranças da minha infancia, da minha mocidade, acordaram na minh'alma. Endoideci. Apoderou-se de mim um terror supersticioso, parecia-me que se eu não deixasse Paris, não procurar ligar o futuro ao passado, tudo era para mim perdido e eu perdida para sempre, n'esta vida e na outra. Ante meus olhos passaram quadros medonhos. Abandonada por ti, vi-me seduzida, se eu quizesse conservar a mundana realeza que me havia tentado e tudo feito perder, e tornar-me na mais vil, na mais decahida das cortezãs. Depois, e ao mesmo tempo, via a regeneração da minh'alma, se eu viesse bater á porta de casa de minha mãe.

Violante respirando continuou:

Foi como um raio que houvesse fulminado em mim todo o meu lado parisiense para substituil-o pelo que ainda me restava da rapariga de Veneza e do Monte Herma. Dez minutos de reflexão determinaram que tudo perdesse em Paris para vêr se tudo aqui podia reconquistar. Retirada no meu ninho, como diziamos nos tempos felizes, passei toda a noite a firmar a minha vontade. No dia seguinte parti, trazendo comigo algumas joias com que queria pagar a compra da querida casa em que nasci. Percebes?

— Sim, respondi a meia voz.

— Parti pois de Paris para vir para aqui; mas o meu amor era demasiado, cruel! para que eu podesse chamar o Antonio. Ainda então não tive toda a coragem do bem, ou, antes, não queria dizer ao pobre rapaz: «Outro matou-me; resuscita-me tu.» Tinha uma amiga em Veneza, rendeira como eu. Essa tivera o bom juizo de casarse. Refugiei-me em casa d'ella e trabalhei. O trabalho de tudo nos salva.

Interrompi Violante dizendo-lhe que soubera toda a historia d'ella em casa do mercador de curiosidades. Mas ella quiz dizer-me porque fôra que então não quizera casar com Antonio: sentia-se ainda muito minha. E contou-me então como voltára a Paris, para de novo me cahir nos braços, resolvendo d'este amor viver ou morrer. Mas de cada vez que queria humilhar-se até vir bater-me á porta, recuperou a altivez, porque sempre me via com outras mulheres. A fatalidade quiz que ella nunca me encontrasse senão de companhia com qualquer aventureira.

— Sim, disse ella com um sorriso amargo. Só por tua causa voltei a Paris. Sempre que te vi estavas com alguma mulher, esta ou aquella. Como lançar-me nos teus braços? A altivez podia mais que o amor.

Violante teve uma suffocação que lhe impediu que continuasse. Era feroz a minha curiosidade. Eu queria saber tudo. Voltára sósinha a Paris? Tomára um outro amante? De que tinha ella vivido? Mal me atrevia a interrogal-a, mas adivinhou me.

— Socega, disse-me com o seu lindo sorriso; fui tua amante, nunca fui a mulher d'outro. Se um dia te encontrares com um hespanhol chamado Cordaro, dá-lhe duzentos ou trezentos luizes qpe elle me emprestou. És tu que lh'os deves, porque eu nunca lhe... paguei.

Pronunciou estas palavras com o seu grande ar de dignidade.

— Por um nada deixei de succumbir á tentação, não do amor, mas do crime e da vingança; mas lembrei-me de que era uma Foscari; mas lembrei-me de quanto havieis gostado de mim.

Violante desatou a soluçar.

Senti os olhos cheios de lagrimas. Peguei-lhe com adoração nas mãos.

— Se morres, disse-lhe, quero morrer comtigo.

— O' *mio caro*, disse ella muito docemente, trouxeste-me a extrema uncção, posso morrer agora. Quando eu fôr morta, porás o teu joelho sobre o meu tumulo, como d'antes o punhas a meus pés nas tuas horas de paixão. Depois voltarás para Paris e lá haverá outras que adores. Mas peço-te, jura-me que nunca mais has de falar á tal que chamam Flôr de Pecego; essa rapariga fez-me soffrer tanto!...

A moribunda ainda teve animo para dizer-me mil coisas que me despedaçavam o coração e lhe abreviavam a vida. Eu procurava-a, ella viera ter comigo, mas Deus não nos permittiu aos corações feridos de ainda viver do mesmo amor. Farta de combater, dissera adeus a Paris e aos sonhos por vez derradeiros, disposta a todos os sacrificios, mas antes que tudo, resolvida a morrer no espirito de Deus, desposando Antonio. Parecia-lhe esse casamento já uma redempção.

— Vim aqui, continuou, para chamar o Antonio, mas encontrei o, porque já me esperava. O amor tem uma dupla vista. Antonio, melhor do que eu, havia sósinho executado o voto que juntos haviamos feito. Que mais hei de dizer-te? Antonio era a rehabilitação, o futuro, a salvação! Perdoa-lhe, Paulo, que de nós tres foi elle quem mais soffreu! Emquanto nós nos adoravamos, acalentando o nosso amor com o barulho das festas e dos prazeres encantadores dos milionarios prodigos, elle, vivendo em meio dos intimos tormentos de desdenhado amor, da furia do ciume, da anciedade cruel do esperar sem esperança, poupava o pão para conseguir a somma precisa para comprar esta casa. Continuava, mão grado a minha infidelidade e abandono, o sonho que juntos começaramos.

(Continúa).

Memorial Historico e Artistico

BRUNO JOSÉ DO VALLE

Ao que o auctor da *Collecção de Memorias* nos deixou contado a respeito d'este artista, accrescentaremos mais: Bruno José do Valle foi baptizado na freguezia das Mercês. Tendo contrahido segundo matrimonio com Joanna Ignacia, baptisada na freguezia da Encarnação, d'ella teve um filho, que nasceu a 6 de fevereiro de 1767, [1] e foi egualmente baptisado na freguezia das Mercês.

Bruno José do Valle e sua mulher moravam então na rua da Rosa das Partilhas do lado esquerdo desta rua, [2] que é o que pertence á freguezia das Mercês, da qual eram parochianos Este filho de Bruno José do Valle se chamou Paulo José do Valle, e viera a ser official da secretaria da Mesa do Desembargo do Paço.

G. de B.

Recebemos e agradecemos:

Reflexos — *Poesias de Ramos-Coelho — Typographia de Castro Irmão — Lisboa — 1898.*

Reflexos é o terceiro volume da collecção completa das poesias do venerando poeta sr. Ramos-Coelho. Todavia, o presente volume, de per si, é independente e não se liga aos dois anteriores senão por circumstancias, que ninguem melhor do que o auctor deve contar. Essa explicação vem nas seguintes linhas do prologo dos *Reflexos,* que copiamos para intelligencia dos leitores, a quem temos noticiado o successivo apparecimento dos volumes *Lampejos* e *Cambiantes* e dos quaes temos extrahido, com verdadeiro prazer nosso e dos leitores, algumas preciosas pérolas de tão opulento collar:

«Aos *Lampejos,* primeiro dos meus volumes de versos ultimamente publicados, clarões de alguns momentos de felicidade, seguiram-se os *Cambiantes,* passagem d'ella para o infortunio; e a estes seguem-se os *Reflexos,* revérberos, sequer na luz melancholica da saudade, d'aquelles fulgores passageiros, e, nas côres sombrias da amargura, das nuvens em que para sempre se envolveu a minh'alma, e que hoje torna mais espessas uma nova dor. São estes portanto na maior parte, ao menos, recordações de poucas alegrias e repetidas tristezas, dispostas promiscuamente, como promiscuamente as dispõe a Providencia no caminho do homem, sem por isso representarem na ordem que lhes marquei e em que uns e outros se succederam ao mesclaram na minha vida, pois essa ordem unicamente se guardou, nem sempre com exactidão, nas poesias intimas, d'onde provêm sobretudo o nome ao presente livro. Foi o mesmo processo que empreguei nos *Lampejos* e nos *Cambiantes.*»

S. PEDRO SOBRE AS AGUAS

Fallando da sua collecção, muitas cousas dignas do conhecimento dos leitores nos diz o auctor no seu sincerissimo prologo, mas não nos compete transcrevel-as integralmente, porque o prazer de as ler se deve reservar aos que tiverem o livro.

Comtudo, o seguinte apanhado geral dá-nos a nota da importancia da collecção poetica do sr. Ramos Coelho. Consta ella de 152 peças, sendo no primeiro volume quarenta e oito (quarenta e quatro originaes e quatro traducções), quarenta e nove no segundo (quarenta e cinco originaes e quatro traducções) e cincoenta e cinco no terceiro (cincoenta e uma originaes e quatro traducções) além das quadras populares que o terminam.

Nas traducções portuguezas ha poesias vertidas do italiano, francez, latim, inglez, provençal e catalão, o que mostra a erudição do traductor. Entre as traducções, que as poesias do sr. Ramos-Coelho teem merecido ao apreço dos estrangeiros, lêem-se versões em italiano, francez, hespanhol, allemão e sueco.

Este facto, que constitue o louvor mais insuspeito ao illustre poeta portuguez, é tambem já conhecido dos nossos leitores, porque d'essas versões algumas appareceram no OCCIDENTE.

Pombeiro da Beira — *Memoria historica e descriptiva por Sanches de Frias — Lisboa, 1899.*

Uma nova edição da monographia da antiga villa de Pombeiro da Beira, pelo sr. visconde de Sanches de Frias, acaba de apparecer. Vem rectificada, duplamente accrescida, ornada de estampas e precedida de uma noticia biographica, genealogica e bibliographica escripta pelo sr. visconde de Sanches de Baena.

O estudo dos monumentos e tradicções de Pombeiro mereceu ao nosso apreciado escriptor e illustre collaborador um cuidado minucioso, um verdadeiro amôr pelas cousas idas, que muito valorisa a interessante monographia.

Pela variedade dos seus capitulos, alguns já conhecidos dos leitores do OCCIDENTE, onde primitivamente viram a luz da publicação, pela multiplicidade de indicações que a muitos aproveitam, a memoria de *Pombeiro da Beira* é na presente edição um livro curioso e agradavel, que não podemos deixar de recommendar a todos os que prézam as monographias das povoações do nosso paiz.

The Philadelphia Museums — *Established by Ordinance of City Councils, 1894-233 — South Fourth Street, Philadelphia.*

Recebemos um folheto em inglez, com o titulo acima, em que se explicam a organisação e fins d'esta instituição, que é um escriptorio nacional e internacional de commercio, combinado com uma grande bibliotheca, contendo os documentos dos diversos governos, com uma sala publica, onde se podem encontrar registrados mais de que 1:200 periodicos, e com um museu immenso exhibindo os productos naturaes de todos os paizes do mundo.

Todo este serviço está franco ao publico e designado, sem remuneração nenhuma, ao estimulo e incremento do commercio internacional, sendo os periodicos constantemente consultados por pessoas que desejam obter informações especiaes, o que lhes dá e aos annuncios a maior publicidade possivel.

Noticiando a fundação d'este estabelecimento de propaganda, diremos que fazem parte das suas diversas secções importantes cidadãos e funccionarios de Philadelphia, que, com o seu nome, parecem garantir a seriedade da nova instituição.

[1] O grande quadro de Bruno José do Valle, no tecto da escada da Fundição (Arsenal do Exercito) é de 1762

[2] Já em nosso estudo ácerca de Pedro Alexandrino de Carvalho dissémos que a numeração policial da via publica lisbonense só começou em 1802.